

# O lado brilhante dos pobres

Marcelo Neri

Lembro-me da primeira vez que usei óculos para miopia. Da indescritível sensação de começar a perceber a profundidade e clareza das coisas ao redor. Olhava maravilhado os contornos do mundo a minha volta. As possibilidades de enxergar o Brasil também tem evoluído. Um marco foi 1995 quando o IBGE abriu os microdados de suas pesquisas conferindo liberdade a cada um de olhar desde uma perspectiva própria os brasileiros em suas casas.

Lembro-me também, em 1994, mais ou menos na mesma época que fui introduzido aos óculos, de ler no *New York Times* sobre os determinantes do peso das crianças — pensava comigo quão distante disto estava o Brasil. Na ocasião, refletia antes e acima de tudo sobre a inflação nossa de cada dia que distorcia sentidos e preocupações. Hoje, a cada Pesquisa Nacional de Amostras a Domicílio (PNAD), debatemos nossas conquistas e percalços.

O problema dos analistas é que a PNAD é uma base multifacetada, dificultando a síntese de seus resultados em conclusões do tipo: e aí, melhorou ou

piorou a vida dos brasileiros? Esta é a nossa busca. A estratégia é através do instrumental da literatura de bem-estar social sintetizar um amplo espectro de informações pnadianas numa mesma dimensão. Projetar o conjunto de informações na dimensão renda. A promessa é, uma vez integrada, podemos produzir a divisão ordenada do conjunto como peças de um quebra-cabeça para identificar a magnitude relativa das causas das mudanças observadas.

## Fotografia

Alguns argumentarão, com razão, que a estratégia reducionista transformará o retrato colorido fornecido pela PNAD numa foto em preto e branco. Respondo a este ponto citando as vantagens de olhar as partes sem perder a visão do todo que constitui o cerne de nossa estratégia. Lembrando que cada um pode produzir uma espécie de refração ordenada de um raio de luz unidimensional, transformando-o de volta no seu arco-íris onde reza a lenda ao fim existe um pote de ouro.

Senão vejamos: a fim de fornecer um resumo, a literatura sintetiza o bem-estar inicial de todos num único número correspondendo ao nível de bem-estar social. Optamos aqui por uma solução simples de acoplar os efeitos da média e da desigualdade numa função bem-estar social simples proposta por Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia. A medida de bem-estar social é igual a média de renda *per capita* vezes o complemento do Gini ( $1 - \text{Gini}$ , igualdade), onde a desigualdade funciona como um fator redutor de bem-estar em relação ao nível da renda média. Por exemplo, a renda média de R\$ 630 mensais por brasileiro, em 2009, seria o valor do bem-estar social segundo a medida simples de Sen, se a equidade fosse plena. Mas na verdade corresponde a 45,52% deste valor, R\$ 286,92, dada a extrema desigualdade atual brasileira. O deságio mostrava-se ainda maior quando o índice era apenas 41,7% da renda média, em 2003. Houve uma evolução de 2003 a 2009 de 44% no nível de bem-estar social, contra 31,9% da renda *per capita* neste período. Em taxas médias anuais de crescimento da renda *per capita* da PNAD

crece a 4,7% ao ano, contra 6,3% das do bem-estar social. Este ganho se refere a redução de desigualdade observada no período. A desigualdade de renda no Brasil vem caindo desde 2001. Entre 2001 e 2009, a renda *per capita* dos 10% mais ricos aumentou em 1,49% ao ano, enquanto a renda dos mais pobres cresceu a uma notável taxa de 6,79% por ano.

### **PIB x PNAD**

Há que se notar o descolamento da taxa pura de crescimento PNAD *versus* PIB no período. De 2003 a 2009, a taxa de crescimento do PIB *per capita* foi, em média, de 2,88% ao ano, sendo superada em 1,83 ponto percentual ao ano pela renda da PNAD, a perspectiva aqui seguida. Na última PNAD, a diferença quase dobra. O PIB *per capita* cresce cerca de -1,5%, em 2009, contra um crescimento, este sim positivo, de 2,04% da renda da PNAD. Na China e na Índia ocorreu o oposto, o PIB cresceu mais que a das pesquisas domiciliares, o tamanho da goleada de crescimento sofrida pelo Brasil frente a outros BRICs depende do tipo de placar. No placar de crescimento de bem-estar, como nos demais BRICs, a desigualdade embora mais baixa, seguiu subindo. O crescimento de bem-estar medido pelas pesquisas domiciliares é duplamente mais auspicioso que o do PIB.

Agora quão sustentável é o recente padrão de crescimento inclusivo tupiniquim? A pes-

quisa destrincha a importância de diferentes fontes de renda no avanço dos indicadores sociais do país. Os resultados apontam que embora tenha havido aumento forte da renda derivada de programas sociais e aposentadorias ligadas ao salário mínimo, a parcela devida ao trabalho fica próxima ao expressivo crescimento de renda de 4,72% desta fase entre 2003 e 2009. O incremento médio de 4,61% ao ano da renda trabalhista por brasileiro, que corresponde a 76% da renda média percebida pela população, confere uma base de sustentabilidade das condições de vida para além das transferências de renda oficiais.

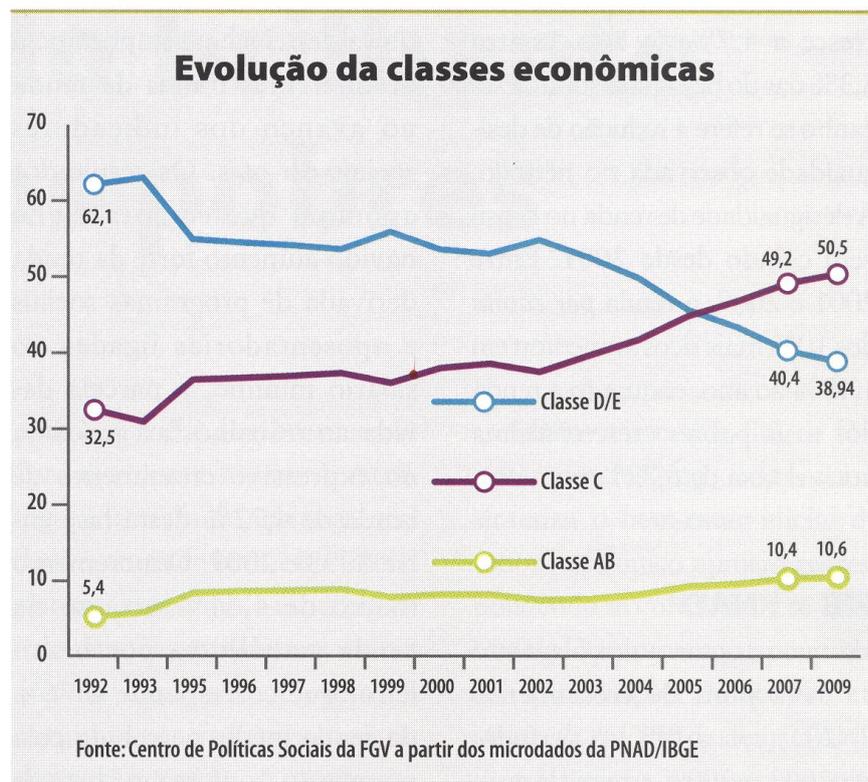
Mais genericamente, usando a métrica das equações de salários para a construção de indicadores estruturais de potencial consumo (bens duráveis, moradia, serviços públicos etc.) e de capacidade de geração de renda (bens físicos, tais como CITs, educação, qualidade do emprego etc.) revelam que o lado do produtor cresceu 38% mais rápido do que o lado do consumidor no período 2003 a 2009: 31,2% de aumento do índice do produtor contra 22,59% do índice do consumidor. Durante o ano da crise estes índices cresceram 3,05% e 2,49%, respectivamente. Traduzindo a riqueza de dados sobre estoques de ativos, agrupados sob duas perspectivas, a do consumidor e a do produtor,

Na crise, a classe C cresceu mais em termos proporcionais (2,5%) do que as demais, chegando, em 2009, a 94,9 milhões de brasileiros

nos termos da fábula de La Fontaine, a pesquisa permitiu separar os brasileiros em cigarras e formigas. Mostramos que na foto os brasileiros são mais como cigarras do que formigas, porém o filme dos últimos seis anos mostra metamorfose gradual em direção às formigas. Então não é que os brasileiros estão indo fazer compras a crédito, mas que quem foi mais à escola no passado, está obtendo agora proporcionalmente mais empregos formais.

Como consequência da manutenção do crescimento com redução da desigualdade, a pobreza também continua a sua tendência decrescente que vem desde 2003 quando o número de pobres, segundo a linha da FGV, era de 49 milhões de pessoas que

Os 94,9 milhões de brasileiros que estão na nova classe média correspondem a 50,5% da população, podendo decidir um pleito



corresponde em nossa metodologia de segmentação de classes a E. Após a recessão do primeiro ano do governo Lula até 2008, 19,5 milhões de pessoas saíram da pobreza. Se adicionarmos mais 1 milhão no último ano, chegamos a uma população de 28,8 milhões de pobres, um contingente ainda expressivo, sem dúvida. A taxa de pobreza cai de 16,02% para 15,32%, entre 2008 e 2009, uma queda de 4,32% em pleno ano de crise.

## Classes

Olhando mais para cima e para o alto da distribuição, cerca de 29 milhões ingressaram nas fileiras da chamada nova classe média (classe C), entre 2003 e 2009, sendo 3,2 milhões entre as duas últimas PNADs. Na

época de crise a classe C cresceu mais em termos proporcionais (2,5%) do que as demais, chegando, em 2009, a 94,9 milhões de brasileiros — corresponde a 50,5% da população. Já as classes A e B foram as que cresceram mais em termos relativos (39,6%) de 2003 a 2009, quando 6,6 milhões foram incorporados, atingindo 20 milhões de brasileiros (10,5% da população).

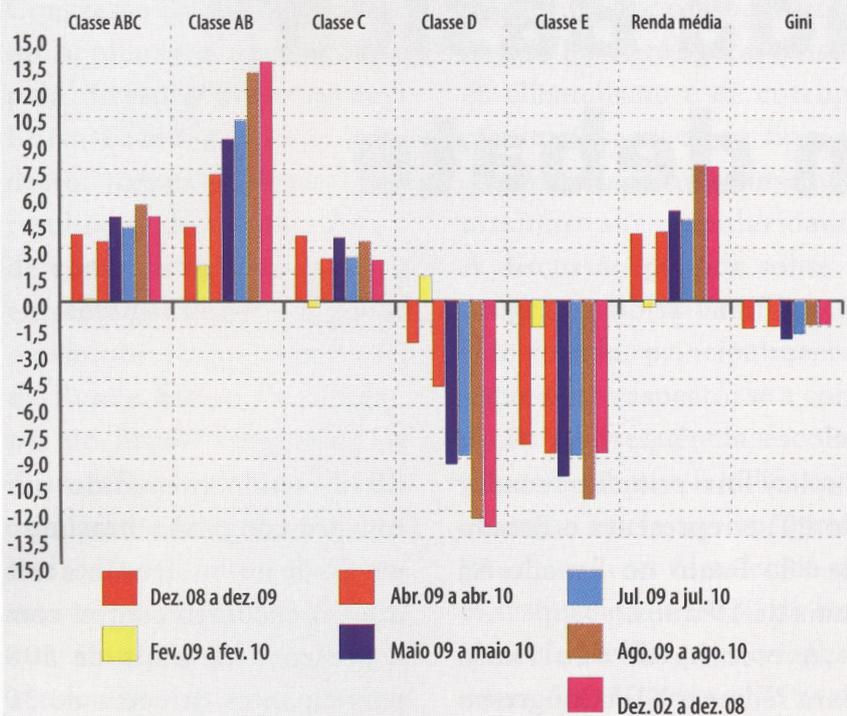
Na soma destes estratos econômicos médios e altos da distribuição sintetizados nas classes ABC, 35,7 milhões de brasileiros foram adicionados no período 2003/2009, aproximadamente 3,7 milhões a mais do que os 31,9 milhões acrescidos no quinquênio 2003/2008. Em contrapartida, a base da pirâmide econômica formada pelas classes D e E foi reduzida

de 96,2 milhões, em 2003, para 73,2 milhões, em 2009, sendo 2 milhões mesmo no ano da crise internacional. Isso significa que, nas últimas sete PNADs mais de meia população do Reino Unido foi incorporada às classes ABC.

Os números acima ensejam duas reflexões, uma política e outra econômica. Os 94,9 milhões de brasileiros que estão na nova classe média correspondem a 50,5% da população. Isto significa que a nova classe média não só inclui o eleitor mediano tido como aquele que decide o segundo turno de uma eleição, mas que ela poderia sozinha decidir um pleito. Complementarmente, esta também é a classe dominante do ponto de vista econômico, pois concentra mais 46,24 do poder de compra dos brasileiros, em 2009 (era 45,66% em 2008) superando as classes A e B, estas

## Variação em 12 meses das classes econômicas (%)

Período de Ouro, Crise e depois da Crise



Fonte: Centro de Políticas Sociais da FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

com 44,12% do total de poder de compra. As demais classes D e E têm hoje 9,65% do poder de compra caindo do nível de 19,79% logo antes do lançamento do Plano Real.

### Arco-íris

Mas como foi a dinâmica nos bolsos dos brasileiros após a crise internacional? Este é o derradeiro teste de sustentabilidade, pois o mundo se encontra estagnado. As rendas familiares do trabalho para as seis principais regiões metropolitanas se deterioraram em janeiro de 2009, quando a crise atingiu os bolsos de forma intensa, causando um aumento de 6,8% na pobreza apenas nesse mês. No entanto,

desde fevereiro de 2009, o Brasil livrou-se da crise e recuperou seu ritmo de crescimento pré-crise. Indo além do último valor disponível da renda da PNAD e do PIB, o País, não só saiu da crise de 2009, mas superou mês a mês o período de ouro anterior de 2003 a 2008. Por exemplo, nos 12 meses até agosto de 2010, as classes mais baixas E e D caíram 8,7% e 12,9%, respectivamente; a C cresceu 2,3% e a classe AB aumentou 13,6%. Os bons resultados não apenas superam o do período de bonança internacional encerrado com a tempestade financeira internacional. Isto porque a renda está crescendo o dobro e a desigualdade caindo quase tanto quanto no período de ouro.

O grande momento do pesquisador empírico não é quando confirma o que já sabia, mas quando se surpreende com algo que não sabia

Na minha opinião, o grande momento de um pesquisador empírico não é quando ele confirma o que já sabia mas quando ele se surpreende com algo que não sabia. Sensação comparável a de um garoto que acha uma moeda preciosa despercebida jogada na calçada. O que posso dizer é que ao fim da presente investigação achei sob as lentes das pesquisas ibgeanas não um pote de moedas valorizadas — o que seria até certo ponto previsível na busca de um economista —, mas o tal arco-íris. 

Marcelo Neri – Centro de Políticas Sociais e Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV (mcneri@fgv.br).

O sítio [www.fgv.br/cps/ncm](http://www.fgv.br/cps/ncm) apresenta a versão completa da pesquisa aqui discutida.